

Cordia americana (L.) Gottschling & J.S.Mill.

(apé branco, guaibi, guajuvira, guaraiúva, pau d'arco)

Família: Boraginaceae

Sinônimos: *Patagonula americana*

Endêmica: não⁵

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁵

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana, Silvicultura

A guajuvira ou apé branco é considerada uma árvore de grande porte (até 35 m de altura na idade adulta), adequada para arborização de vias públicas com ausência de fiação. Apresenta crescimento lento a moderado e é indicada para reflorestamento de matas ciliares e barrancos, por suportar inundações periódicas e possuir um vasto sistema radicial. Suas flores são melíferas, perfumadas, de cor branca ou creme, pequenas e agrupadas em panículas terminais. Seus frutos são facilmente dispersados pelo vento, devido a presença do cálice (semelhante a uma hélice) e das pétalas acopladas. Apresenta diversos usos silviculturais, destacando-se pela boa flexibilidade da madeira, permitindo a confecção de peças curvadas. Além de ser usada na confecção de móveis de luxo e tacos para assoalho devido a boa superfície para envernizamento.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (artigos esportivos, cabo de ferramentas, celulose e papel, tacos, energia, movelaria), produtos não madeireiros (apícola, medicinal, substâncias tanantes)^{1,2}

Características gerais

Porte: altura 10.0-35.0m DAP 60-80cm^{6,3,1,2}

Cor da floração: branca²

Branca ou bege.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada²

Lento a moderado.

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{2,1,6}

Sistema radicular: Pivotante⁸

Formato da copa: Corimbiforme^{2,4}

Diâmetro da copa: 10m³

Alinhamento do tronco: Tortuoso²

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2}

Tipo de fruto: Drupa²

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim^{8,2}

Pragas e doenças: Observa-se como praga o serrador *Oncideres dejeani* (Coleóptera: Cerambycidae). Quanto a doenças, a guajuvira é muito atacada por erva de passarinho, notadamente *Phoradendron linearifolium* (CARVALHO, 2003). Assim como pelas larvas, pupas e adultos do *Pityophthorus* sp (Fam. Scolytidae) em sementes da espécie (ZIDCO, 2002).^{4,2}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas^{6,2}

A guajuvira suporta inundações periódicas de rápida duração e é recomendada para proteção das barrancas dos rios, devido ao vasto sistema radicial (CARVALHO, 2003). Já Lorenzi (1998), referi-se a espécie como bem adaptada a solos profundos e úmidos, porém não encharcados.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia^{10,11,1,6}

Polinizadores: Abelhas e outros pequenos insetos.^{2,7,1}

Período de floração: julho a novembro^{1,2}

De julho a outubro no Estado de São Paulo (CARVALHO, 2003); de julho a novembro (BACKES; IRGANG, 2004).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Autocórica, Barocórica^{7,2}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: outubro a fevereiro^{2,1}

Frutos maduros de dezembro a janeiro no estado de São Paulo (CARVALHO, 2003). De outubro a fevereiro (BACKES; IRGAN, 2004).

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore²

As sementes devem ser colhidas na transição da cor amarelada para marrom claro. As membranas que rodeiam a semente devem ser retiradas manualmente ou por maceração.

Tipo de semente: Ortodoxa⁹

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento²

Produção de mudas: Canteiros^{1,2}

Recomenda-se semear em sementeiras e depois repicar as plântulas para recipientes individuais de dimensões mínimas: 20cm de altura e 7cm de diâmetro, ou tubetes de polipropileno de tamanho médio (CARVALHO, 2003). Backes e Irgang (2004), também recomendam a semeadura em canteiros, logo após a colheita dos frutos e sua breve secagem. A repicagem deve ocorrer de 2 a 3 semanas após a germinação e o plantio após 4 meses. A espécie propaga-se também por estacas de galho (BACKES ; IRGANG, 2004).

Tempo de germinação: 12 a 78 dias^{6,2,1}

Taxa de germinação: 80 a 100%²

Número de sementes por peso: 22000/kg⁶

Exigência em luminosidade: Exigente em luz⁶

Planta heliófila.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ SOARES, M. P. Verdes urbanos e rurais: orientação para arborização de cidades e sítios campestres. Porto Alegre: Cinco Continentes, 1998. 242 p.

⁴ ZIDKO, A. Coleópteros (Insecta) associados às estruturas reprodutivas de espécies florestais arbóreas nativas no Estado de São Paulo. 2002. 43 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2002.

⁵ MELO, J. I. M. de; SILVA, L. C. da; STAPF, M. N. S.; RANGA, N. T. Boraginaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 11 jul. 2013.

⁶ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1998. v.1, 360 p.

⁷ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. Acta Botanica Brasílica, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.

⁸ RIO GRANDE ENERGIA - RGE. Manual de arborização e poda. Rio Grande do Sul: Gráfica Editora Pallotti, 2000. 40 p.

⁹ WIELEWICKI, A. P.; LEONHARDT, C.; SCHLINDWEIN, G.; MEDEIROS, A. C. de S. Proposta de padrões de germinação e teor de água para sementes de algumas espécies florestais presentes na Região Sul do Brasil. Revista Brasileira de Sementes, Pelotas, v. 28, n. 3, p. 191-197, 2006.

¹⁰ VACCARO, S.; LONGHI, S. J.; BRENA, D. A. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma floresta estacional decidual, no Município de Santa Tereza - RS. Ciência Florestal, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 1-18, 1999.

¹¹ LEONHARDT, C.; BUENO, O. L.; CALIL, A. C.; BUSNELLO, A.; ROSA, R. Morfologia e desenvolvimento de plântulas de 29 espécies arbóreas nativas da área da Bacia Hidrográfica do Guaíba, Rio Grande do Sul, Brasil. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 63, n. 1, p. 5-14, jan./jun. 2008.